

Luta pelos quatro anos está perdida, afirma Brizola

Janio de Freitas

Nem quatro, nem cinco, nem seis

Crescem incontrolavelmente no círculo político do presidente Sarney, e sobretudo no próprio, os temores de que o mandato seja decidido com uma solução que poderia atrair a maioria dos constituintes, formando-se esta pela combinação dos favoráveis aos quatro anos e, de considerável número dos que figuram como comprometidos com os cinco. Seria a solução dos quatro e meio, para a qual até existe uma emenda apropriada, que parece esquecida mas talvez seja a mais lembrada em silêncio ou em surdina.

O presidente Sarney teve a gentileza involuntária, mais uma vez, de confirmar informações aqui antecipadas, ao decidir suspender todas as suas viagens até que o mandato seja decidido. Mesmo seu tão almejado retorno à tribuna da ONU, previsto para os dias 5 e 6 de junho, foi posto em banho-maria, o que dá bem a dimensão da insegurança e dos temores que o assolam, e aos seus circundantes, em relação ao destino do seu mandato. A decisão decorreu do receio, aqui antecipado, de que a votação na Constituinte fosse protelada até a ausência do presidente, livrando-se muitos dos cincoanistas flexíveis da pressão mais contragredora para eles.

Entre as emendas que se referem ao mandato de Sarney, a do seu então amigo Heráclito Fortes foi apresentada como manobra favorável ao presidente, por conectar a redução dos cinco anos à eleições gerais, que não conviriam aos cons-

tituintes. Hoje, esta emenda figura entre as que o Planalto mais considera como ameaças à pretensão continuista de Sarney, com quem por coincidência, Heráclito Fortes parece não mais manter relações sinceramente amigáveis. Para não ameaçar também os mandatos dos constituintes, recursos técnicos de votação suprimiram o sentido de eleições gerais.

O potencial do mandato de quatro anos e meio, como solução conciliatória entre diversas correntes da Constituinte, advém de que atenderia a numerosos parlamentares a um só tempo em dificuldade para votar nos quatro anos e temerosos de desgastar-se no eleitorado com o apoio aos cinco. São muitos os que se preocupam com a publicação de listas discriminando os votos, mesmo quando são publicadas como noticiário de jornal, e com as publicações futuras, como o anunciado "quem votou em quê" da assessoria intersindical no Congresso. São numerosos os que receiam ficar com o mesmo tipo de pecha que se apegou aos malufistas.

Convenhamos que, dada a dose de entusiasmo suscitado aqui fora pelo presidente e por seu governo, o receio é mais do que justificado.

O presidente Sarney e seus imediatos estão convencidos de que há manobras articuladas contra os cinco anos e encobertas sob o conformismo, tão insistentemente declarado, dos que antes batalharam pelos quatro anos. Mas o Brasil talvez nem mereça tanto.

CARLOS EDUARDO ALVES
Do Reportagem Local

O ex-governador fluminense Leonel Brizola, 66, admitiu ontem que a luta pelo mandato de quatro anos para o presidente José Sarney está perdida. "Continuo lutando por eleições (em 1988) mas vai dar cinco anos", disse Brizola. Segundo o ex-governador, o Congresso constituinte foi "vencido pelas palavras indevidas dos militares e pela política de favorecimento do governo".

Brizola esteve em São Paulo para participar do seminário "E agora Brasil?", na sede da seção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil (região central paulistana). A saída, cercado pela claqué pedetista que sempre o acompanha em suas aparições na capital paulista, afirmou que nem mesmo a emenda do deputado Saulo Queiroz (PFL-MS), estabelecendo eleições presidenciais em abril de 89, será capaz de reverter a tendência cincoanista. "Tenho certeza que a eleição em 88 era a única alternativa para o país", afirmou, depois de considerar a causa perdida.

A estrela do PDT afirmou também que interpreta como uma "piada" a eventual candidatura do prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, à Presidência da República. No entender de Leonel Brizola, Jânio tem um "caráter obscuro do pensamento e carece de confiabilidade". Mais tarde, disse que se o prefeito realmente sair como candidato, pode ter o apoio "dessa direita de Antônio Carlos Magalhães, José Sarney e Ernesto Geisel".

A manhã paulistana de Brizola não foi, no entanto, dedicada somente a ataques. Mais uma vez, esmerou-se em louvar a situação econômica da Austrália, comparando-a com a crise brasileira. Para provar o encanto com aquele país, anunciou que brevemente o visitará. "Já tenho assessores lá estudando como um país com o mesmo potencial que o nosso progrediu tanto." O populismo entrou em cena ao reafirmar a preocupação com o "futuro das nossas crianças", citando os Cieps construídos durante sua administração no Rio como exemplo a ser seguido.

No plano econômico, Brizola criticou o "modelo perverso" adotado pelo governo brasileiro. Ele não acredita que a futura Constituição modifique fundamentalmente as diretrizes econômicas do país, mas manifestou a esperança de que um presidente eleito pela população possa "questionar" essa estrutura.



Leonel Brizola, durante sua palestra no ciclo de debates "E agora Brasil?", promovido pela OAB-seção São Paulo

Pedetista pode ficar com imagem de traidor

MARCELO BERABA
Diretor do Sucursal do Rio

Embora tenha lutado publicamente por eleições para presidente da República ainda este ano, o ex-governador Leonel Brizola, candidato do PDT à sucessão do presidente José Sarney, é o principal beneficiário do adiantamento para 1989. Para ele, o melhor em termos eleitorais é a disputa presidencial desvinculada da municipal e por três razões:

1- O PMDB está melhor e mais extensamente organizado em todo o país. O PDT não chega a ter dois mil diretórios municipais. A coincidência de eleições beneficiaria o PMDB.

2- Mesmo que o PMDB vença as eleições municipais, Brizola encontrará maiores facilidades para composições com os novos prefeitos que não terão mais como referência prioritária a fidelidade partidária, mas as chances de cada candidato a presidente. E Brizola, em todas as pesquisas até agora, está bem cotado.

3- Sob o ponto de vista financeiro, as eleições separadas favorecem o PDT, que não dispõe de recursos para disputar as duas simultaneamente.

Marcada a eleição presidencial para 89, o PDT se lançará nas

campanhas municipais com dois objetivos: primeiro, o de apressar a organização e o fortalecimento do partido; segundo, e principal, o de firmar alianças que aplainarão a caminhada de Brizola para a Presidência da República. O parceiro mais cobiçado já está escolhido e é o PT de Lula. Resta saber se, ao antecipar ontem a derrota do movimento pró-quatro anos, Brizola não terá cometido um erro tático semelhante ao de Tancredo Neves às vésperas da votação das diretas em 84. O que pode lhe valer a pecha de traidor e criar para a sua candidatura dificuldades novas com os aliados potenciais.



O senador Humberto Lucena (PMDB-PB) no plenário do Congresso constituinte

Presidencialistas querem manter itens parlamentaristas

Do Sucursal de Brasília

Os "rabichos" parlamentaristas incorporados ao sistema de governo presidencialista aprovado pelo plenário do Congresso constituinte serão novamente postos em discussão no segundo turno de votações. A maior parte dos parlamentaristas defende a exclusão dos dispositivos, enquanto os presidencialistas querem a permanência destes mecanismos na nova Constituição.

O sistema presidencialista aprovado pelo plenário incorporou dois mecanismos tradicionais do parlamentarismo: 1) a moção individual de censura a ministro de Estado pode ser requerida por um terço da Câmara dos Deputados. A aprovação da moção requer o apoio de 2/3 dos deputados. Se obtido o apoio, o ministro sai do governo; 2) pelo voto de 2/3 dos membros da Câmara dos Deputados, poderá ser aprovada resolução exprimindo discordância a depoimento de esclarecimento prestado por ministro de Estado.

"Quando aprovamos a incorporação destes mecanismos, pensamos em fazer um presidencialismo que não fosse imperial", disse o senador Humberto Lucena (PMDB-PB), presidente do Senado, que foi o autor da emenda do sistema presidencialista. Segundo ele, a grande maioria dos presidencialistas defenderá a manutenção dos dois mecanismos.

A mesma avaliação é feita pelo deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE),

um dos coordenadores do Centrão. "Temos de deixar estes mecanismos. Faz parte do processo democrático dar responsabilidade ao Poder Legislativo", disse Fiuza, tocando justamente no ponto que levanta as maiores discordâncias dos parlamentaristas.

"Vamos desmoralizar os dois sistemas ao mantermos estes mecanismos", disse o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), um parlamentarista histórico. Pelo raciocínio dos parlamentaristas, requerer a moção de censura ou mesmo aprová-la não altera o rumo do governo federal. "Não tem sentido derrubar o ministro, se não se pode derrubar o presidente. No presidencialismo, o ministro é um executor de ordens", afirmou o deputado Nelson Jobim (PMDB-RS).

O jurista Miguel Reale Júnior, assessor jurídico de Ulysses Guimarães, presidente do Congresso constituinte e do PMDB, vê com temeridade a manutenção dos "penduricalhos" parlamentaristas. "O governo ficará permanentemente desgastado com os pedidos de censura. Pior do que o resultado (destituição ou não), é o próprio processo", disse Reale.

A divisão fica completa com o deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG), parlamentarista, defendendo a inclusão dos dispositivos. "Este mecanismo permite ao presidente da República medir o apoio que tem no Legislativo. Deve ficar para isto", afirmou Andrada.

ROBERTO LOPES
Enviado especial o Brasília

"Do jeito que isso está, acaba dando Jânio contra Brizola". Essa frase do presidente José Sarney dita no final do ano passado ao senador Alvaro Pacheco (PFL-PI) —seu amigo particular— circulou, ontem, no plenário da Constituinte, em meio às informações de que o governador de São Paulo, Orestes Quércia, já tinha reconhecido na cúpula do PMDB, que o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, é o candidato que o governo e segmentos políticos conservadores escolheram para enfrentar o ex-governador do Rio, Leonel Brizola, na disputa presidencial.

Brizola, um dos maiores interessados, não concorda com isso. "O Brizola acha que o Jânio está descartado, desmoralizado", disse pela manhã, na Câmara, o líder do PDT na Constituinte, deputado Brandão Monteiro (RJ). O assunto tem frequentado as conversas de Brandão com Brizola, e eles divergem. "O fato da Prefeitura de São Paulo estar recebendo as verbas que está recebendo, os vários contatos pessoais do presidente com o Jânio e as declarações de José Aparecido (governador do Distrito Federal), não indicam que o Jânio esteja desmoralizado ou descartado", diz Brandão.

Aparecido tem feito repetidas declarações sobre os serviços que Jânio Quadros ainda pode prestar ao país em sua carreira pública. Os dois são amigos pessoais, e as opiniões do governador são, portanto, parciais. Semana passada, contudo, o ex-ministro do Trabalho Murilo Macedo —que mantém con-

tatos com o PTB e o PFL de São Paulo para voltar à vida pública— fez um comentário à Folha: "Não descartem o Jânio. Isso seria um erro."

"O Brizola acredita que o candidato do governo é o Quércia", revelou Brandão Monteiro. Para os pedetistas, o governador de São Paulo está em plena ofensiva para assumir o comando de seu partido, o PMDB. Os seguidores de Brizola acreditam que o Quércia paulista tem todas as condições para surgir como o mais forte candidato peemedebista —a chefia política do Estado economicamente mais poderoso da Federação, a direção de uma instituição bancária forte como o Banespa, sua juventude—, e não excluem a possibilidade de que Quércia esteja querendo apenas cortejar Jânio Quadros, a fim de fortalecer a posição política de seu Secretário Estadual de Obras, João Oswaldo Leiva, que ele quer ver como o próximo prefeito de São Paulo.

A direção da bancada do PDT na Câmara não acredita que Brizola vá se manifestar sobre o assunto. Eles dizem que o ex-governador do Rio está em uma "postura de discrição", mas a Folha apurou que a essa atitude discreta pode estar misturado um certo desânimo. Foi isso que o governador da Bahia, Waldir Pires, sentiu em Brizola, há cerca de dois meses, quando os dois conversaram no Palácio de Ondina, em Salvador. Nas entrevistas, Brizola mostrava-se até ontem esperançoso de que a Constituinte fixe para esse ano as eleições presidenciais, no gabinete de Waldir, o ex-governador já estava reticente, pessimista.

Estados Unidos —"lá eles se protegem contra o capital japonês"—, Brizola afirmou que não é por princípio contrário à entrada de capital estrangeiro no Brasil, mas que tudo deve ser cercado de "muito cuidado. Primeiro devemos cuidar dos brasileiros."

Respondendo a uma pergunta do auditorio, Brizola disse que não sabe

a concepção de socialismo do PDT. "Nós vamos buscá-lo junto com o povo." Tirando o apelo populista, o eventual candidato pedetista à sucessão de Sarney —ele não descartou essa possibilidade— fez a profissão de fé nas urnas como o caminho de "salvação" do Brasil: "As eleições têm o conteúdo transformador e revolucionário."

Monteiro diverge de ex-governador sobre Jânio

tatos com o PTB e o PFL de São Paulo para voltar à vida pública— fez um comentário à Folha: "Não descartem o Jânio. Isso seria um erro."

"O Brizola acredita que o candidato do governo é o Quércia", revelou Brandão Monteiro. Para os pedetistas, o governador de São Paulo está em plena ofensiva para assumir o comando de seu partido, o PMDB. Os seguidores de Brizola acreditam que o Quércia paulista tem todas as condições para surgir como o mais forte candidato peemedebista —a chefia política do Estado economicamente mais poderoso da Federação, a direção de uma instituição bancária forte como o Banespa, sua juventude—, e não excluem a possibilidade de que Quércia esteja querendo apenas cortejar Jânio Quadros, a fim de fortalecer a posição política de seu Secretário Estadual de Obras, João Oswaldo Leiva, que ele quer ver como o próximo prefeito de São Paulo.

A direção da bancada do PDT na Câmara não acredita que Brizola vá se manifestar sobre o assunto. Eles dizem que o ex-governador do Rio está em uma "postura de discrição", mas a Folha apurou que a essa atitude discreta pode estar misturado um certo desânimo. Foi isso que o governador da Bahia, Waldir Pires, sentiu em Brizola, há cerca de dois meses, quando os dois conversaram no Palácio de Ondina, em Salvador. Nas entrevistas, Brizola mostrava-se até ontem esperançoso de que a Constituinte fixe para esse ano as eleições presidenciais, no gabinete de Waldir, o ex-governador já estava reticente, pessimista.

A ascensão de Jânio não passou despercebida aos deputados federais mais intimamente ligados a Orestes Quércia. Ontem, um deles chegou a observar o estreito relacionamento do prefeito de São Paulo com o ministro do Exército, e que isso ficou muito claro no princípio do

mês, quando Leônidas presidiu a passagem de comando no Comando Militar do Sudeste (sediado em São Paulo), e, segundo esse parlamentar, deixou o governador "a reboque" de suas conversas "de pé de ouvido" com o prefeito.